

A psicopatologia psicanalítica e o sujeito em suas amplitudes vivências: uma revisão narrativa

Psychoanalytical psychopathology and the subject in his wide experiences: a narrative review

Marcos Vitor Costa Castelhana¹

Délis Sousa Benevides²

RESUMO : A psicopatologia de ênfase psicanalítica foi construída através dos conhecimentos das teorias psicanalíticas gerais, das elaborações teóricas da psiquiatria dinâmica, dos procedimentos técnicos psicanalíticos, assim como dos fatores metodológicos pautados nos dispositivos discursivos contemporâneos, abrangendo uma nova forma de visualização do sujeito em suas entrelinhas, promovendo conjuntas dialéticas para determinados direcionamentos técnicos-contemplativos em face do sujeito em suas idiosincrasias vivenciais. Pensando nisso, o presente trabalho objetiva discorrer sobre como as postulações psicopatológicas psicanalíticas visualizam o sujeito por via de suas possíveis amplitudes psíquicas-emocionais, partindo do princípio de que a integração dos aspectos da psicopatologia geral ante dos domínios da Psicanálise poderiam influir em novas contemplações dos indivíduos em seus liames contextuais, evitando qualquer tipo de centralização absoluta em relação aos possíveis reducionismos, enfatizando os aspectos vivenciais da historicidade subjetiva. Concluindo que existem possíveis entrelinhas entre os domínios teórico-práticos psicopatológicos e as amplitudes vivências ante as edificações metodológicas da Psicopatologia Psicanalítica, adentrando um possível meio-termo entre a valorização dos processos subjetivos e as delimitações diagnósticas na clínica contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopatologia. Psicanálise. Vivências. Sujeito. Subjetividade.

ABSTRACT: Psychopathology with a psychoanalytical emphasis was built through knowledge of general psychoanalytic theories, theoretical elaborations of dynamic psychiatry, psychoanalytic technical procedures, as well as methodological factors based on contemporary discursive devices, encompassing a new way of viewing the subject between the lines, promoting joint dialectics for certain technical-contemplative directions in the face of the subject in his experiential idiosyncrasies. With that in mind, the present work aims to discuss how the psychoanalytic psychopathological postulations visualize the subject through their possible psychic-emotional amplitudes, starting from the principle that the integration of aspects of general psychopathology before the domains of Psychoanalysis could influence new contemplations of individuals in their contextual bonds, avoiding any kind of absolute centralization in relation to possible reductionisms, emphasizing the experiential aspects of subjective historicity. Concluding that there are possible interlinears between the psychopathological theoretical-practical domains and the breadth of experiences before the methodological constructions of Psychoanalytic Psychopathology, entering a possible middle ground between the valuation of subjective processes and diagnostic delimitations in contemporary clinical practice.

KEYWORDS: Psychopathology. Psychoanalysis. Experiences. Subject. Subjectivity.

¹ Graduado em Bacharelado em Psicologia no Centro Universitário de Patos (UNIFIP). Pós-graduado em Teoria Psicanalítica (FAVENI), em Psicopatologia (Faculdade Serra Geral), em Psicologia Clínica (FACEMINAS), em Saúde Mental (FAVENI). Mestrando em Ciências da Educação pelo World University Ecumenical (WUE).

¹ Graduado curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP)

INTRODUÇÃO

A Psicopatologia representa um dos principais ramos teórico-práticos associados aos conhecimentos de âmbito psicológico, abarcando um conjunto de perspectivas para a contemplação do sujeito em suas diversas entrelinhas, estando geralmente associado ao estudo do comportamento anormal, a exemplo das diferenças condicionais entre a neurose e a psicose (BRAGHIROLI et al., 2012).

Desse modo, os âmbitos psicopatológicos contribuem para a consolidação do conjunto de conhecimentos atrelados ao entendimento dos processos do adoecimento mental dos seres humanos, priorizando o caráter científico de suas elaborações, ou seja, direcionando-se por meio de rigores metodológicos localizados para além de dogmas ou verdades indubitáveis do senso comum, trazendo em voga os possíveis encontros e desencontros nas perspectivas formativas nos entendimentos dos caracteres gerais e específicos dos indivíduos (DALGALORRONGO, 2008).

Dentre as perspectivas desse ramo científico, surge a Psicopatologia de ênfase psicanalítica construída através dos conhecimentos das teorias psicanalíticas gerais, das elaborações teóricas da psiquiatria dinâmica, dos procedimentos técnicos psicanalíticos, assim como dos fatores metodológicos pautados nos dispositivos discursivos contemporâneos (KUSNETZOFF, 1982). Isto é, as vertentes psicopatológicas psicanalíticas abarcam uma nova forma de visualização do sujeito em suas entrelinhas, promovendo conjuntas dialéticas para determinados direcionamentos técnicos-contemplativos em face do sujeito em suas idiosincrasias.

A partir das colocações acima, o presente trabalho objetiva discorrer sobre como as postulações psicopatológicas psicanalíticas visualizam o sujeito por via de suas possíveis amplitudes psíquicas-emocionais, partindo do princípio de que a integração dos aspectos da psicopatologia geral ante dos domínios da Psicanálise poderiam influir em novas contemplações dos indivíduos em seus liames contextuais, evitando qualquer tipo de centralização absoluta em relação aos possíveis reducionismos, enfatizando os aspectos vivenciais da historicidade subjetiva.

Para isso, pesquisaram-se artigos, capítulos de livro e livros atrelados a temática aqui discutida, tendo as bases digitais e periodizadas como pilar essencial para a lapidação do referencial literário utilizado, seguindo as diretrizes e preceitos da revisão narrativa

como método expositivo, promovendo reflexões e discussões defronte dos assuntos levantados.

Sendo assim, segue os próximos tópicos pautados no objetivo descrito, almejando elaborações argumentativas concisas e assertivas defronte da potência dialógica entre o enfoque da Psicopatologia Psicanalítica e o sujeito em seus caracteres atravessados pelos seus limiares subjetivos.

2 Desenvolvimento

2.1 Delimitações básicas sobre os estudos psicopatológicos

A terminologia da psicopatologia gira em torno das elucidações iniciais de Jeremy Bentham, na década de 1817, apresentando como objeto de estudo o sofrimento psíquico do sujeito, tendo como princípios fundadores as ideias de Esquirol e Griesinger que serviram de base para a nomenclatura jasperiana do fenômeno psíquico diante das diretrizes da normalidade *versus* anormalidade (CHENIUAX, 2008).

Para Cheniuax (2008), a Psicopatologia é uma ciência independentemente, indo além das diretrizes dos campos psicológicos, servindo de aporte para os direcionamentos metodológicos de diversas áreas, tendo as suas raízes atreladas aos domínios filosóficos e a clínica psiquiátrica. O autor também menciona que o método fenomenológico, associado aos preceitos filosóficos do pensamento cartesiano e da descrição compreensiva de Jaspers, e a semiologia psiquiátrica, pautada no estudo sistemático dos signos relacionado as expressões entre os significados e aos significantes, são duas bases da fundamentação teleológica dos saberes psicopatológicos.

Nesse sentido, Dagalorrondo (2008) elenca que as perspectivas psicopatológicas sustentam conhecimentos enfocados em três características básicas sendo elas: elucidação, sistematização e desmitificação. Em que, percebe-se que os conteúdos dos sintomas psicopatológicos giram em torno de temores e temáticas centrais na existência dos sujeitos, significando-se por meio das dimensões socioculturais e dos fatores vivenciais, englobando os fenômenos humanos específicos, como visto na tabela a seguir:

Tabela 1- Fenômenos humanos para a Psicopatologia

Fenômenos semelhantes	Faz referência aos processos globais e gerais ante os aspectos fenomênicos e psíquicos-emocionais dos sujeitos, ou seja, mesmo que determinados
-----------------------	---

	sentimentos, ansiedades e medos sejam compartilhados entre as pessoas, existem qualidades pessoais que devem ser levados em consideração.
Fenômenos em parte semelhantes e parte diferentes	São as expressões fenomênicas experimentadas pelas pessoas típicas, mas que tendem ser experienciadas dentro dos espectros dos transtornos mentais, gerando a introdução de elementos qualitativos em face dos fenômenos específicos perante os caracteres patológicos.
Fenômenos qualitativamente diferentes	Caracterizaram as características sintomáticas e constitucionais intrínsecas dos contextos atípicos e dos transtornos mentais, ou seja, tendendo a não ser expressados nas pessoas de atitudes típicas.

Fonte: Construído por via de Dagalorrondo (2008).

Diante do exposto, observa-se que o ramo científico da Psicopatologia visa analisar os diversos fenômenos atrelados aos seres humanos diante de suas experiências, abrangendo a potência das intercepções entre o típico e o atípico, englobando também outras dimensões, a exemplo das questões socioculturais e suas fontes de influência.

Sugerindo a variância dos fenômenos, Paim (1993) comenta que a interpretação das ações, dos comportamentos gerais e interlineares e das demais expressões do sujeito enfermo representaram uma necessidade dentro do panorama clínico psiquiátrico, revelando que os registros e as descrições eram primordiais para a captação de informações atreladas as vivências subjetivas, ficando claro a intrínseca dialética entre as experiências pessoais e as construções fenomênicas de natureza patológica.

Dentro desse raciocínio, os psiquiatras da época começaram a buscar o apoio interpretativo e observacional através das metodologias fenomenológicas e dedutivas, objetivando a potência de penetração decisiva diante do mundo subjetivo dos sujeitos em seus domínios patológicos, influenciando na noção de que nem todos os fenômenos se apresentariam de forma compreensiva ante do “espírito” (PAIM, 1993).

A partir das colocações supracitadas, deduz-se que os estudos psicopatológicos estão em constantes transformações, abrindo espaço para novas vertentes contemplativas, tanto que Kusnetzoff (1982) elenca que a Psicopatologia Psicanalítica está sob um conjunto de fatores e influências para a visualização do sujeito em suas amplitudes

vivenciais, pondo em voga as contribuições analíticas em face de outros saberes metodológicos concomitantes.

2.2 Os domínios psicanalíticos e o sujeito pulsional

Antes de se adentrar defronte das visualizações da Psicopatologia Psicanalítica, faz-se necessário ter em mente os preceitos e conceitos básicos desenvolvidos pela Psicanálise, edificada inicialmente por Sigmund Freud em suas postulações sobre a vida psíquica. No qual, para Bock, Furtado e Teixeira (1999), os aspectos psiquismo dos indivíduos seriam abarcados através da noção do inconsciente, considerado o sistema mais influente do aparelho psíquico, englobando todos os elementos que foram recalçados da consciência.

Com isso, os aspectos intelectivos e racionais associados a consciência seriam considerados, ontologicamente falando, elementos superficiais pautados no completamento e velamento de um sistema anterior magnânimo, no caso, o panorama inconsciente (DAHIA, 2010). Em que, os aspectos pulsionais seriam considerados um dos caracteres primordiais para o abarcamento do sujeito diante dos olhares tecidos pela Psicanálise, como menciona Castelhana, Benevides e Santos (2020).

Nesse raciocínio, Quinet (2003) afirma, ao discorrer sobre a dialética proposta entre as diretrizes freudianas e as categorizações cartesianas, que dentro dos panoramas psicanalíticos o sujeito seria visualizado diante de seus elementos pulsionais e desejantes, estando atrelados diretamente aos fatores dispostos em sua sexualidade infantil e no desenvolvimento psicosexual.

Partindo da afirmação acima, deve-se pensar que a potência pulsional não seria visualizada como um sinônimo da noção de instinto, visto que o primeiro conceito estaria associado a ligações não determinadas *a priori*, enquanto a segunda denominação gira em torno dos preceitos de delimitação de um objeto inato e escolhido de maneira anterior, expondo uma nova maneira de visualizar os indivíduos em suas entrelinhas (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Para a Psicanálise, a pulsão seria considerada fatores somáticos-psíquicos formados por processos internos, buscando a redução da tensão por meio de objetos especificados, estando associada aos representantes ideativos e aos afetos (RIBEIRO, 1988; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Partindo de Fadiman e Frager (1986), as

pulsões apresentam quatro elementos centrais em sua constituição, servindo de base para a sua intrínseca dinâmica, como visto na segunda tabela:

Tabela 2- Os quatro elementos centrais da pulsão

Fonte	As pulsões são formadas através dos processos internos de excitação, promovendo a potência de investimento em objetos especificados ao longo do desenvolvimento.
Pressão	Representa a quantidade de energia libidinal utilizada em um determinado processo, variando de acordo com as contingências idiossincráticas, ou seja, pode ser direcionado mais ou menos energia diante do contexto em si.
Objeto	Seria o elemento selecionado inconsciente para promover a redução da tensão, ou seja, a sua meta, lembrando que os objetos tendem a ser variáveis, podendo passar por modificações.
Finalidade	O objetivo, ou meta, dos movimentos pulsionais seriam a busca pela redução da tensão, também visualizadas como a satisfação. Em outras palavras, mesmo com as possíveis variações dos objetos selecionados a pulsão tende a ter sempre o mesmo objetivo.

Fonte: Edificado por via de Fadiman e Frager (1986).

Ao contar a exposição apresentada, observa-se que os aspectos pulsionais englobam diversos caracteres em sua formação, possibilitando variadas maneiras de expressão no contexto da vida psíquica, esboçando noções que divergem do reducionismo dos direcionamentos do sujeito.

Com o passar das observações freudianas, foram-se lapidadas novas constantes pulsionais, englobando características e processos mais amplos, sendo edificado a dualidade exposta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte (FREUD, 1923/1969; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). A primeira categoria pulsional compreende os processos associados a autoconservação e aos liames gregários dos sujeitos, enquanto a pulsão de morte estaria voltada aos processos repetitivos e aos impulsos destrutivos (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015; MEDNICOFF, 2015).

Dentro dessa discussão, leva-se em consideração que os modelos pulsionais freudianos passaram por diferentes modificações ao longo de seus postulados, chegando

na concepção dual entre a pulsão de vida e a pulsão de morte (CHENIUAX, 2008). Demonstrando que os fatores relacionados as pulsões são essenciais para a construção e ampliação dos enfoques de natureza psicanalítica, influenciando em noções subsequentes, visto que, para Bleichmar e Bleichmar (1992), determinadas formulações foram redefinidas pelos pós-freudianos, a exemplo de Lacan, Klein, Mahler, entre outros.

Além disso, Quinet (2003) afirma que as pulsões vão além das significações de mecânicas-instintivas, uma vez que os liames desejanter e pulsionais estão atravessados pelas experiências infantis na historicidade do sujeito, valorando as suas vivências singulares. Coadunando com tal ideia, Nasio (1997) elenca que o sintoma, lapidado pelo sujeito desejante, traz consigo um compromisso em face da dimensão do gozo, indo além de uma expressão categoricamente patológica.

Baseando-se das argumentações citadas, deduz-se que os domínios psicanalíticos valorizaram os fatores desejanter e pulsionais como pilar primordial das elucidações teórico-práticas, enfatizando a pertinência da sexualidade e das experiências infantis diante das visualizações das constantes psíquicas-emocionais dos sujeitos.

2.3 A psicopatologia psicanalítica e as vivências singulares

Adentrado de maneira assertiva nas conceituações básicas da Psicanálise, segue-se na discussão sobre como a Psicopatologia Psicanalítica contempla os indivíduos em face dos desdobramentos impressos na dialética entre os pontos psicopatológicos e as vivências subjetivas. Mediante a proposta apresentada Kusnetzoff (1982) afirma que os domínios psicopatológicos de ênfase psicanalítica são lapidados por via das observações psicanalíticas e dos modelos epistemológicos contemporâneos, englobando princípios da psiquiatria dinâmica e os postulados psicopatológicos básicos.

Para a Psicopatologia Psicanalítica, as postulações iniciais do pensamento freudiano trazem consigo a base teórico-prática para a consolidação da clínica psicanalítica, articulando os pressupostos psicanalíticos clássicos com as metodologias clínicas do cotidiano, atribuindo as vivências singulares um determinado aporte psicopatológico, reiterando a importância dos pilares iniciais como direcionamento central dos novos estudos formativos (KUSNETZOFF, 1982).

Em Psicopatologia da vida cotidiana, Freud (1901/1987) comenta que os processos inconscientes ultrapassam o contexto propriamente apresentado no setting analítico, visto que os conteúdos inconscientes são visualizados nos cotidianos dos

indivíduos. Seguindo tal ideia, o autor (1925/1974), em seu Estudo Autobiográfico, comenta que os panoramas psicanalíticos não se resumem apenas a noção do inconsciente e dos processos psíquicos dentro de suposições patológicas, enfatizando a significância das experiências idiossincráticas de cada pessoa.

Dentro da discussão supracitada, observa-se que, mesmo existindo fatores gerais que influenciem os possíveis destinos ante dos segmentos clínicos, as experiências, os discursos e o próprio percurso no tratamento especificado são únicos a cada sujeito (RIBEIRO, 1998). Em outras palavras, os modelos clínicos valorizam os âmbitos subjetivos e experienciais intrínsecos a cada pessoa, partindo do princípio de que cada processo terapêutico-analítico, apesar da presença de características comuns, é único em si mesmo.

À vista disso, Quinet (2002) elenca a significância das entrevistas preliminares defronte das entrelinhas processuais da adentrada do paciente em análise, dado que existiriam determinados informes que deveriam se observados e consolidados em face do prosseguimento das contingências analíticas, visualizando-se três funções especiais no panorama preliminar, como esboçado na seguinte projeção:

Tabela 3- As funções das entrevistas preliminares

Função sintomal	A exposição da demanda é, inicialmente, uma oferta do analista, percebendo-se que a anasabilidade é função do sintoma e não do analisante, levando em consideração que a resposta do sintoma a algo representa a delimitação do gozo do sujeito. Em que, nessa função se faz necessário a histerização do sintoma, ou seja, o aprofundamento por meio da lapidação de um enigma.
Função diagnóstica	O diagnóstico e a análise fazem parte de uma mesma estrutura lógica em um campo metodológico. Isto é, o diagnóstico não tem como intuito resumidor o indivíduo a condição e/ou características específicas, mas sim servir de orientação e condução no processo analítico, tendo em mente que cada estrutura clínica, divididas em neurose, psicose e perversão, apresentaram os seus manejos característicos.
Função transferencial	Essa função analítica tem como o seu pivô o sujeito suposto saber endereçado através da imagem do analisa, sendo

	considerado o momento especial para a entrada em análise, ou seja, sem a transferência não existe possibilidade de análise.
--	---

Fonte: Lapidado através de Quinet (2002).

Perante o argumentado, avista-se que os fatores sintomais e as funções diagnósticas são essenciais para a compreensão e direcionamento do manejo nos procedimentos de natureza psicanalítica, pautando-se na noção de que o sujeito não deve ser limitado em uma caracterização diagnóstica e/ou expressiva. Além disso, fica claro a necessidade da consolidação transferencial para a adentrada do analisante na análise propriamente dita, ultrapassando os encontros preliminares.

Quando mencionado a relação transferencial, enfatiza-se a significância das vivências subjetivas, sobretudo as de âmbito infantil, em face da análise em sua potência diante dos processos inconscientes, uma vez que, segundo Mednicoff (2015), o contexto transferencial significa os processos de repetição das atitudes emocionais, a exemplo de sentimentos e afetos amigáveis, hostis e eróticos, movimentadas para a imagem do analista dentro das contingências do processo analítico.

Trazendo as colocações expressadas diante da Psicopatologia Psicanalítica, repare-se que o valor psicopatológico dos elementos do sujeito se encontra entrelaçados entre os aspectos do desenvolvimento psicosssexual e as instâncias pulsionais e as experiências vivenciadas no âmbito da historicidade subjetiva (KUSNETZOFF, 1982).

Incluso nessa visão, Castelhana e colaboradores (2022) elencam a necessidade de compreender as constantes causais associadas ao sujeito, demonstrando que nas perspectivas psicopatológicas psicanalíticas e psicanalíticas em si visualizam as construções do sujeito envolvem diversos elementos, anexando a significância das preposições inconscientes e pulsionais em suas estruturas.

Além disso, em O estranho, Freud (1919/2006) comenta que as formações recalçadas tendem a não serem vistas dentro do campo consciente do sujeito, enfatizando, como comenta Feist, Feist e Roberts (2015), através das próprias afirmações freudianas, de que o ser humano não apresenta domínio de tudo que está em si, fortalecendo a noção do inconsciente em seus direcionamentos e não-visualização.

Por fim, conclui-se que o panorama da Psicopatologia Psicanalítica esboça a intrínseca dialética entre os fatores inconscientes e pulsionais e as vivências idiossincráticas diante da constituição do sujeito, construindo a partir disso determinadas

observações de valor psicopatológico, permitindo a potência dialógico para além da constante diagnóstica, vista como o direcionamento do manejo no contexto analítico.

3 Conclusão

O presente estudo permitiu contemplar as possíveis entrelinhas entre os domínios teórico-práticos psicopatológicos e as amplitudes vivências ante as edificações metodológicas da Psicopatologia Psicanalítica, adentrando um possível meio-termo entre a valorização dos processos subjetivos e as delimitações diagnósticas na clínica contemporânea.

Outro ponto enfático, faz menção a pertinência das construções metodológicas defronte da clínica psicanalítica, demonstrando que, como lapidado, os domínios psicopatológicos psicanalíticos podem servir de pilar para novas elucidações teórico-práticas diante da dialógico exposta entre os processos de subjetivação e a tríade sintomal-diagnóstica-transferencial no processo singularizado na passagem das entrevistas preliminares e a análise propriamente dita, pressupondo as contingências existentes nas amplitudes da vivências subjetivas.

No ponto das recomendações, tal trabalho sugere a edificação de novas elaborações teórico-práticas dentro dos campos das revisões narrativas e análises de casos em suas especificidades, permitindo olhares mais amplos em torno das aplicações e possibilidades da Psicopatologia Psicanalítica nos aportes clínicos contemporâneos diante da valorização das experiências do sujeito pulsional.

Finalizando, as argumentações denominadas almejam contribuir no arcabouço literário-científico da Psicologia e da Psicanálise, objetivando também difundir os preceitos e estratégias do panorama psicopatológico psicanalítico perante as entrelinhas das vivenciais intrassubjetivas do sujeito.

4 Referências

BLEICHMAR, N. M.; BLEICHMAR, C. L. A Psicanálise depois de Freud: Teoria e Clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BOCK, Ana B.; FURTADO; Odair; TEXEIRA, M. de L. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRAGHIROLI et al., E. M. Psicologia geral. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CASTELHANO, M. V. C.; BENEVIDES, D. S. ; SANTOS, G. C. . Considerações sobre o Eros e o Thanatos perante a funcionalidade psíquica: um recorte psicanalítico. REVISTA COOPEX, v. 11, p. 1-10, 2020.

CASTELHANO, M. V. C. PEREIRA, J. E. G; CAVALCANTI, R. J. M.; GOMES, J. R. N.; ABILIO, M. G. C.; LÚCIO, E. L. A. AS VISUALIZAÇÕES DE CAUSALIDADE DIANTE DO SUJEITO: A PSICOPATOLOGIA PSICANALÍTICA EM VOGA. In: CASTELHANO, M. V. C; PEREIRA, J. E. G; CAVALCANTI, R. J. M.; GOMES, J. R. N.; ABILIO, M. G. C.; LÚCIO, E. L. A. (Orgs.). A PSICOLOGIA E OS ADVENTOS ATUAIS: O SUJEITO EM TRANSFORMAÇÃO. Belém: RFB Editora, 2022. P. 37-42. CHENIAUX, Elie. Manual de Psicopatologia. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DAHIA, S. L. de M. Riso e Psicanálise: uma leitura possível para análise das relações raciais no Brasil. In: LUNA, V. L. do R.; NASCIMENTO, Z. A. do. (Org.). Desafio da Psicologia contemporânea. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010. P. 147- 160 DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais – 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Teorias da personalidade. São Paulo: Harbra, 1986.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. Teorias da personalidade-8. AMGH Editora, 2015.

FREUD, S. (1901) Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana in Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1987.

FREUD, S. (1919). "O Estranho". In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918/2006). Rio de Janeiro: Imago, v. XVII, 2006.

FREUD, S. (1923) “Dois verbetes de enciclopédia”. In: ESB. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1925) In: FREUD, S. Um Estudo Autobiográfico,. Inibição, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos. ESB Vol XX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. Introdução à psicopatologia psicanalítica. In: Introdução à psicopatologia psicanalítica. 1982.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. 4ª edição. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2001.

MEDNICOFF, E. Dossiê Freud. São Paulo, SP: Universos dos livros, 2015.

NASIO, J.D. Lições sobre os sete conceitos cruciais em psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

PAIM, Isaias. Curso de psicopatologia. 11 ed. SÃO PAULO: E.P.U., 1993.

QUINET, A. As 4+1 condições da análise. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

QUINET, Antonio. A descoberta do inconsciente. Do desejo ao sintoma. 2aed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Teorias e técnicas psicoterápicas. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.